

(AUTO)BIOGRAFIA: ENTRE A REFLEXÃO E A CONSTRUÇÃO DO “SER PROFESSOR”

Tainara dos Santos Bastos¹

Resumo: Ser professor não é e nunca será uma tarefa fácil, apesar da tecnologia, dos avanços e recursos cada vez mais ilimitados, esse campo de pesquisa que é a escola, principalmente a sala de aula é munido de surpresas, que apesar de todo o preparo, muitas vezes desestabiliza um professor. Logo, Pensando em como tem sido a nossa atualidade não somente no dia a dia escolar, como também em aspectos da nossa vida e cotidiano, o presente paper visa desenvolver uma discussão esclarecendo a importância de se refletir a prática em sala, bem como suas metodologias, utilizando para tal os instrumentos (auto)biográficos, em especial os memoriais de formação. Destacaremos também a importância desses escritos para o processo de construção do ser professor. A discussão porposta surge do projeto intitulado Trajetória de vida e Formação: Costurando e Construindo uma Prática pedagógica.

Palavras Chave: História De Vida. Reflexão. Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

Interessante, se pararmos para observar veremos que a nossa vida independente da idade, cor, gênero, classe social, ambiente, gera em torno de análises, reflexões, como esta que estou propondo agora, desde tempos e experiências mais remotas, até as mais atuais, sejam elas boas ou ruins.

Somos convidados, ou quem sabe até convocados a evocar com uma frequência inimaginável a nossa memória. Até mesmo uma criança em certos momentos de exortação e/ou aconselhamento, conversa, é ordenada a aguçar sua memória em frases de sua mãe ou de qualquer

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), Campus II — Alagoinhas. Linha de Pesquisa 2: Letramento, Identidades e Formação de Educadores, Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Rita Santiago. Endereço eletrônico: syninha_15@hotmail.com.

outro responsável dizendo: “lembre o que você fez”, “isso está correto”? “e se isso ou aquilo estivesse acontecido”?

Naquele momento, a criança se depara diante da complexa tarefa de memorização e reflexão, que a farão lembrar cada detalhe de suas atitudes, o qual foi chamado a atenção, e refletir as possíveis consequências daquele ato.

Pensando nisso, queremos nos debruçar sobre esse aspecto da reflexão de si, voltado para a prática pedagógica, uma vez que, um professor necessita estar em constante remodelação das suas atividades e práticas em sala e fora dela para melhor aprofundamento e construção da sua identidade docente.

E nada mais justo, que fundamentar a discussão com as memórias de formação que por ser um dispositivo metodológico baseado na (auto)biografia permite que o docente possua um olhar mais crítico de si mesmo, apontando erros e acertos, o que conseqüentemente gerará mudanças.

Desta forma, o presente artigo visa refletir sobre a importância dos memoriais de formação na construção da prática pedagógica e da reafirmação do Ser professor.

(AUTO)BIOGRAFIA E A REFLEXÃO DE SI

Cada dia que se passa estamos nos condicionando, ainda que indiretamente, a ações, relações, conversas “fast food” devido as demandas diárias, jornadas de trabalho, diversas atividades e exigências a serem cumpridas. Isso faz com que passemos despercebidos pela nossa própria vida, de forma tão intensa que somos muitas vezes incapazes de descrever o que comemos ou vestimos no dia anterior. Passamos diariamente pelo mesmo caminho e não percebemos a construção de uma casa, o fechamento de um estabelecimento, uma reforma, enfim. Ativamos a vida no modo automático e apenas seguimos.

Quantos de nós, já voltou para casa no meio do caminho que iria a algum lugar por se perguntar se trancou a porta, desligou o fogo, ativou o alarme, colocou o cachorro pra fora, enfim, atividades comuns que fazem parte do nosso dia a dia, mas que se tornaram tão constantes que não pensamos, apenas fazemos. Como destaca Bastos (2015) a seguir:

Vivemos e vivenciamos as experiências cotidianas, de forma acelerada e momentânea, de modo que não temos tempo de observar cada fato do dia a dia, porém quando nos sujeitamos à escrita da narrativa autobiográfica, somos motivados a re/lembrar acontecimentos que até então nos pareciam desnecessários, inúteis e sem importância [...] (p. 66).

Muitas vezes não somos capazes de ensinar um determinado caminho a alguém, mesmo ele sendo conhecido e percorrido frequentemente, mas que muitas vezes a rotina impede de atentar a detalhes que demarcariam na memória aquele lugar, aquele caminho, aquele aspecto, transformando em supérfluo tudo em volta.

Nas salas de aula isso não tem sido diferente, muitos docentes envolvidos pela extensa carga horária, densidade de atividades pedagógicas, quantidade de turmas e alunos, e até pressão da comunidade escolar e responsáveis, assumem uma postura impensada, com modelos prontos que já foram “testados e aprovados” em outras turmas e lugares, tornando cada dia as atividades mais metódicas, tradicionais e sem nenhum sentido para o aluno, gerando muitas vezes descaso e insatisfação tanto por meio do docente, quanto principalmente dos discentes.

E esse é, em muitos casos, o motivo de durante o estágio curricular supervisionado, os docentes em formação inicial encontrarem obstáculos ao chegar na escola para realizar a tarefa de assumir uma turma com algum professor da disciplina, ou simplesmente a etapa da observação. Eles são barrados pelos professores atuantes pelo simples fato de serem observados e/ou criticados por sua metodologia, o que gerará desconforto.

Isso remete-nos a refletir sobre esse professor e a sua resistência em ser observado, pois acreditamos que só conseguiremos construir a nós mesmos, a nossa identidade através do confronto, que por sinal só acontece por meio do contato com o outro. Como podemos observar a fala de Josso (2004) a seguir:

Assim, a busca de si é inseparável de uma relação com outrem, mesmo quando, durante um tempo, se privilegia uma exploração de si, em relação a si mesmo, a partir de autopercepções e de auto-observações, sustentadas, ou não, por um quadro terapêutico ou de desenvolvimento pessoal. Nós não saberíamos viver, mesmo como eremitas, sem pertenças (reais ou simbólicas) (2004, p. 95).

É através do outro que eu me reinvento, recrio, revivo. A reflexão que faço de mim não pode ser isolada, ela é gerada através do contato com o meio, logo, com o outro, gerando consequências positivas ou negativas.

O que devemos observar é que durante o estágio curricular obrigatório, o docente em formação inicial passa por um círculo constante durante todo o processo, contendo a escolha da escola e turma, a observação do perfil da turma, a identificação dos aspectos a serem abordados, a construção dos planos de aula juntamente com o professor responsável, em seguida a aplicação dessa aula, e logo após ela a escrita dos acontecimentos, percepções, realizações, impedimentos.

Esse terceiro passo é realizado nas escritas dos memoriais de formação, que induz esse docente em formação inicial a relatar cada detalhe ocorrido antes, durante e depois de cada aula, os aspectos relevantes e até aquele que pode não fazer muito sentido. O desenrolar da aula, incluindo tudo aquilo que deu certo ou errado, e os motivos para cada um deles.

Todo esse processo, por mais cansativo que possa parecer gera no docente em formação inicial (na verdade em todos, mas aqui estamos nos dedicando a eles) uma gama de reflexões de como foi a aula e como poderia ter sido. Nesse momento de revisita ele elencará cada detalhe

bom que deve ser mantido e os ruins que podem ser alterados ou descartados para um desenvolvimento mais satisfatório. Passegi (2008), a seguir, ressalta essa questão:

A finalidade de escrever sobre a própria aprendizagem é justamente a de poder (aprender) a situar-se, deliberadamente, do lado do processo e não do produto, da ação e não da produção, pois se volta para a relação da pessoa com o conhecimento. A escrita reflexiva sobre a experiência de aprendizagem quer se trate de um memorial, um portfólio, um diário de pesquisa ou da história de vida profissional, “formam para a formalidade, ou seja, para a capacidade de mudança qualitativa, pessoal e profissional, engendrada por uma relação reflexiva com sua “história”, considerada como “processo de formação (2008, p. 35).

Esse processo de formação destacado pela autora é uma construção de toda trajetória desse docente em formação, trajetória essa que necessita ser narrada para ganhar corpo, vida, sentido e principalmente reflexão, confronto e conseqüentemente mudança. Pereira (2012) ainda acrescenta que:

Assim, tomamos a escrita autobiográfica como eixo metodológico como forma de propiciar espaços e estratégias que permita a cada estudante e professor formador a pensar sobre sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional. E a construção de portfólios e memoriais como gêneros textuais e instrumentos que permitem que as estudantes escrevam suas percepções, crises, aulas, dilemas, inferências e estratégias construídas nesse processo de auto-formação e construam suas histórias de discentes e docentes. Ao narrar sobre si, o/a estudante se constitui como autor/pesquisador e ao mesmo tempo, ele se convoca a se responsabilizar sobre o ato de escrever e dizer sobre si (p. 4).

Logo, notamos que é comum ocultarmos aspectos que consideramos desagradáveis, dolorosos, constrangedores, ou que simplesmente fugiram do nosso plano inicial, fazendo com que nossa reação imediata seja ignorar, “fingir que nada aconteceu” e tentamos

apagar da nossa memória essas cenas apenas evitando qualquer tentativa de lembrança.

E essa questão, é algo que tem acontecido no meio escolar, quando um docente, ao incrementar determinada prática em sala, percebe que essa não obteve o resultado esperado, fugiu completamente do seu plano por causa da indisciplina do aluno, espaço da sala, falta de material, ou qualquer outro imprevisto, obrigando-o a mudar, inventar ou simplesmente anular o plano causando desconforto. E a forma de evitar esse sentimento acaba sendo o uso das técnicas tradicionais, fazendo com que toda e qualquer tentativa contrária a isso seja bloqueada. Conforme complementa Voltoline (2009)

A experiência educativa nos confronta sempre com uma prática decisória; o sem número de situações que se abrem cotidianamente possuem uma tal diversidade que não permite nenhum tipo de catalogação em algum manual de sobrevivência para situações difíceis. Exige, isto sim, o bom-senso e a capacidade de julgar, insubstituíveis por algum conhecimento estabelecido (p. 34-35).

Por esse motivo muitos permanecem presos em metodologias tradicionalmente repetitivas, gerando conforto, mas que a priori desvaloriza a sua própria formação, como destacam Lima e Pimenta (p. 2012) ao dizer que:

Ao valorizar as práticas e os instrumentos consagrados tradicionalmente como *modelos* eficientes, a escola resume seu papel a ensinar; se os alunos não aprendem, o problema é deles, de suas famílias, de sua cultura diversa daquela tradicionalmente valorizada pela escola.

A formação do professor, por sua vez, se dará pela observação e tentativa de reprodução dessa prática modelar: como um aprendiz que aprende o saber acumulado. Essa perspectiva está ligada uma concepção de professor que não valoriza sua formação intelectual, reduzindo a atividade docente apenas a um fazer que será bem-

sucedido quanto mais se aproximar dos modelos observados (p. 36).

É nesse sentido que entram em cena as narrativas (auto)biográficas, em especial os memoriais da aprendizagem, que consiste em um dispositivo metodológico capaz de incentivar o exercício de rememoração das aulas, permitindo uma reflexão aprofundada sobre cada aspecto realizado em sala, sendo ele positivo ou negativo.

Nesses memoriais os docentes em formação inicial relatam desde a escolha da turma e o porquê, até a construção das aulas, a execução da mesma, o processo de realização, a abordagem da turma, o erro ou acerto da metodologia e conseqüentemente o que levou a isso, sem falar nas alegrias e frustrações do processo. Durante toda essa narração o docente em formação será “obrigado” a repassar mentalmente tudo o que aconteceu naquela aula e isso dará espaço para a reflexão do que pode ser modificado das vezes posteriores, modelando assim a sua prática, como acrescenta Bastos (2015) ao destacar que:

[...] sabemos que a escrita de si é inundada de significados, frustrações, limitações e realizações, que vão surgindo por meio das reflexões realizadas para essa construção, e que, por sua vez, tem auxiliado na construção da identidade dos docentes que passam por essa experiência (p. 64).

Como foi destacado acima, essa construção não se dá apenas para a descrição metodológica, mas desperta um olhar mais aguçado para si e para o outro, pois a partir do momento em que ocorre essa rememoração, há também uma desconstrução, seja ela de métodos. Toda reflexão gera uma mudança.

De certa forma, a construção dessas narrativas, os memoriais, quebram o círculo vicioso da repetição, do tradicionalismo, oportunizando uma nova rotina, a de viver e reviver para desconstruir e construir. Até aspectos que outrora foram ignorados, agora passam a ter mais destaque e sentido. O professor perde a posição de simples detentor do

conhecimento e passa a assumir um papel de humano, com direito a erros e acertos e principalmente a também aprender com o seu aluno, construindo assim a sua identidade como professor. Josso (2004) ainda acrescenta sobre isso ao destacar que:

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribuiu ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste *continuum* temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural (p. 48).

Sendo assim, são essas experiências que nos formam, que constroem nossa identidade enquanto ser humano, ser dotado de vivências, ser pesquisador, ser professor. E para construir essas experiências precisamos de muito mais que apenas estar vivendo elas, precisamos sentir, experienciar, se construir através dela e do outro. Para a partir de então remodelarmos nossa identidade diante de nós mesmos, pois “as histórias de vida, ao longo da existência, põem em cena peregrinações para que o autor se sinta e viva ligado a outem” (JOSSO, 2004, p. 95).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, ser professor vai muito além da prática de transmitir conteúdo, muito além do envio de informações e aprendizagens linguística e literárias. Ser professor perpassa pelo campo da reflexão e auto crítica permitindo ver em si erros que influencia direta ou indiretamente a absorção do conteúdo por seu aluno.

Ser professor é estar disposto a se reinventar cotidianamente, reconhecendo que ainda precisa aprender não só na universidade, livros

ou cursos, mas com o seu aluno e principalmente consigo mesmo, através das suas próprias falhas e frustrações.

E para chegar nesse aspecto é necessário uma constante reflexão de si, reflexão essa que é permitida pelas escritas autobiográficas, nesse caso os memoriais, permitindo adentrar dentro de si, buscando constantes mudanças, construções e desconstruções, remodelando assim o ser professor.

REFERENCIAS

CASTRO, Celso. História, cultura e patrimônio documental. In: CASTRO, Celso *Pesquisando em arquivos*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2008.

BASTOS, Tainara dos Santos. Portfólios: um caminho para a reflexão sobre a práxis docente. In: PEREIRA, Áurea da Silva (Org.). *Práticas de Pesquisa Autobiográfica: Letramentos, memórias e narrativas*. Editora CRV: Curitiba, 2015.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Trad. Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passegi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. RJ: Paz e Terra, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Tradução José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

KENSKI, Vani Moreira. A vivência escolar dos estagiários e a prática de pesquisa em estágios supervisionados. In: PICOTTEZ, Stela C. Bertholo. (Coord.). *A prática de ensino e o estágio supervisionado*. Campinas, SP: Papirus, 1991.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Por que o estágio para quem já exerce o magistério: uma proposta de formação contínua. In: *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2012. p. 123-140.

NÓVOA, Antonio (Org.). *Vidas de professores*. Porto editora LDA - Portugal, 2000.

NÓVOA, Antonio (Org.). *Profissão professor*. Porto editora LDA - Portugal, 1999.

PEREIRA, Áurea da Silva. *Portfólios e memoriais: Dispositivos metodológicos no estágio de Letras*. Publicado em: II Colóquio de Prática Pedagógica e Estágio de 17 a 19 de maio de 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. Estágio: diferentes concepções. *In: Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVESTRE, Magali Aparecida Silvestre. Sentidos e significados dos estágios curriculares obrigatórios: a fala do sujeito aprendente. *In: GOMES, Marineide de Oliveira (Org.). O estágio na formação de professores: possibilidades formativas entre ensino, pesquisa e extensão*. Edições.

SILVESTRE, Magali Aparecida. Sentidos e significados dos estágios curriculares obrigatórios: a fala do sujeito aprendente. *In: GOMES, Marineide de Oliveira (Org.). O estágio na formação de professores: possibilidades formativas entre ensino, pesquisa e extensão*. Edições Loyola. São Paulo: 2011. p. 165-185

SOUZA, Elizeu Clementino de; MINGNOT, Ana Cristina Venancio (Org.). *Histórias de vida e formação de professores*. Rio de Janeiro: Quartet: FARPEJ, 2008.

VOLTOLINI, Rinaldo. A Síndrome da D'Existência: o educador em tempos de fracasso. *In: CAMARGO, de Faccioli; MARIGUELA, Márcio; SOUZA, Regina Maria de. Que escola é essa?: antagonismos, resistências e subjetividades*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.